

Nome próprio: aquisição do sistema de escrita alfabética na Educação Infantil

Cássia Calandrini Ribeiro¹ 

Prefeitura Municipal de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

Este relato apresenta a experiência com as crianças do Infantil 5, no CEI Maristela da Frota Cavalcante, no ano de 2019. Através do acompanhamento da aprendizagem do nome próprio a professora buscou intervenções para que as crianças evoluíssem na escrita do nome e iniciasse o processo de aquisição do sistema de escrita alfabética, apoiada na premissa que as práticas pedagógicas na educação infantil devem promover interações e brincadeiras, o conhecimento de si e do mundo, proporcionou experiências diversificadas e significativas para as crianças no cotidiano escolar. Numa observação-participante (SEVERINO, 2013) onde o pesquisador compartilha vivências com os sujeitos pesquisados e análise qualitativa dos dados coletados e bibliografia consultada: Bosco (2002), Ferrero e Teberosky (1999) e Morais (2019), os resultados desta pesquisa demonstraram que a escrita do nome não deve se restringir apenas à sua grafia, mas explorado em sua totalidade, potencializando as hipóteses infantis sobre a aquisição do sistema de escrita alfabética.

Palavras-chave: Educação Infantil. Nome próprio. Sistema de escrita alfabética.

First name: acquisition of the alphabetic writing system in Early Childhood Education

Abstract

This report presents the experience with children from Kindergarten 5, at CEI Maristela da Frota Cavalcante, in 2019. By monitoring the learning of their own name, the teacher sought interventions so that the children could evolve in writing their name and begin the process of acquiring the alphabetic writing system, supported by the premise that pedagogical practices in early childhood education should promote interactions and games, knowledge of oneself and the world, providing diverse and meaningful experiences for children in their daily school lives. In a participant observation (SEVERINO, 2013) where the researcher shares experiences with the subjects researched and qualitative analysis of the data collected and bibliography consulted: Bosco (2002), Ferrero and Teberosky (1999) and Morais (2019), the results of this research demonstrated that the writing of the name should not be restricted only to its spelling, but explored in its entirety, enhancing children's hypotheses about the acquisition of the alphabetic writing system.

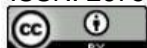
Keywords: Early Childhood Education. First name. Alphabetic writing system.

1 Introdução

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2023.

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

O nome próprio é a principal referência de escrita para a criança, possui valor afetivo, identitário e por ser uma palavra estável são facilmente memorizados o que permite que a criança perceba as nuances do sistema de escrita alfabética a partir do seu nome: a escrita da esquerda para a direita, a utilização de letras, a ordem das letras dentro do nome, os espaços entre as partes do nome e os sons produzidos. Afirma Bosco (2002, p. 57):

2

O conhecimento do próprio nome tem consequências sobre o processo de aquisição da linguagem escrita. Por se tratar de uma forma estável, que independe das vicissitudes do contexto, e por referir-se a um ser singular e real – a criança –, poderia ser tomada como ‘peça chave’ para o início da compreensão da forma de funcionamento do sistema de escrita.

No Infantil 5 é realizado um acompanhamento da aprendizagem do nome próprio através de um documento desenvolvido pela Rede Municipal de Fortaleza após estudos com os professores e crianças da rede, o documento colabora para o desenvolvimento das demandas reais oriundas do contexto escolar, de forma efetiva e afetiva, como também para se pensar estratégias pedagógicas e políticas que garantam o desenvolvimento integral das crianças. (2017, p. 7). Neste documento são observados se, a partir da escrita e leitura do nome próprio, as crianças já registram de maneira convencional o seu nome, se o reconhece e nomeia as letras que o constitui, para a partir dos resultados das crianças o professor pensar estratégias pedagógicas ao longo do ano letivo. Este documento revela a evolução da escrita do nome e corrobora com as práticas realizadas pelos educadores para promover o desenvolvimento integral das crianças.

Apoiada na premissa que as práticas pedagógicas na educação infantil devem promover interações e brincadeiras, o conhecimento de si e do mundo, a educadora buscou proporcionar experiências com a utilização do nome próprio de maneiras diversificadas e significativas para as crianças no decorrer dos tempos da rotina.

Neste relato veremos a experiência da turma de Infantil 5, no ano de 2019, no Centro de Educação Infantil (CEI) Maristela da Frota Cavalcante com o objetivo

de apresentar que para além da aprendizagem da escrita do nome próprio, a criança com experiência ricas e diversificadas podem alcançar a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Embasada nos diagnósticos do nome próprio realizado ao longo do ano com sua turma, a educadora avaliou estratégias e aqui, faremos uma breve explanação destas com análise dos textos dos autores Bosco (2002), Ferrero e Teberosky (1999) e Morais (2019) que dissertam sobre a aquisição do sistema de escrita alfabética e a utilização do nome próprio. Através da observação-participante, que segundo Severino (2013, p. 104):

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem com as análises e considerações que fizer ao longo desta participação.

Realizar uma análise qualitativa dos dados coletados e bibliografia consultada para demonstrar que a escrita do nome não deve se restringir apenas à sua grafia, mas explorado em sua totalidade, potencializando as hipóteses infantis sobre a aquisição do sistema de escrita alfabética.

2 Descrição da experiência

O primeiro diagnóstico mostrou que 7 crianças da turma escreviam parcialmente o nome completo, já reconheciam o próprio nome e arriscavam a escrita buscando na memória as letras que o compunham; 5 crianças escreviam parcialmente o nome, seja ele simples ou composto; 2 crianças escreviam o nome completo convencionalmente; 2 crianças escreviam o nome convencionalmente; 2 crianças escreviam o nome utilizando letras do próprio nome e 2 misturavam letras, números e outros caracteres.

A partir deste primeiro diagnóstico a professora pensou estratégias para que as crianças reconhecessem o nome próprio em qualquer situação e sua importância na rotina diária. Inserindo o nome nos tempos diversificados e proporcionando a participação efetiva das crianças nestes momentos.

Iniciamos por identificar materiais individuais com fichas digitalizadas com o nome completo em letra maiúscula e de imprensa, identificamos livros, cadernos, agendas, mesas e cadeiras. Na roda, a professora mostrava a etiqueta e perguntava “de quem é esse nome?”, conforme a turma identificava, com ajuda ou não da educadora, dando pistas: letra inicial e diferenciando quando havia semelhanças, as crianças receberam as etiquetas e junto com a professora colaram no seu material. Essas ações são atestadas pela rede, conforme documento (2017, p. 13):

Dentre as ações, destacam-se as que vão desde a percepção sonora do vocábulo de seu nome em situações cotidianas, passando pela visualização e identificação da grafia do nome em roupas, utensílios e demais pertences da criança até a escrita, espontânea e convencionalmente do próprio nome. Dessa forma, desde cedo a criança vai reconhecendo e identificando a função social da escrita do nome próprio, isto é, pra quê, quando e por que é importante possuir um nome e aprender a grafá-lo.

Dando sequência a estas ações, foi fixado no mural a lista da turma para a frequência diária, onde durante a chamada as crianças marcavam sua própria presença e os ausentes eram marcados pela professora ou por algum dos colegas, oportunizando assim, que as crianças interagissem com o seu nome completo, o nome dos seus colegas e outras características do sistema alfabético, como por exemplo: a ordem alfabética.

Nesse primeiro momento também foi necessário proporcionar experiências de movimento e lateralidade, possibilitando a utilização de diversos suportes materiais para a escrita do nome: utilização de massinha, desde a confecção da receita até a produção do nome e brincadeiras livres; letras móveis em papel e tampinhas; giz e carvão para a escrita com modelo no chão, parede, lousa; tinta e pincel identificando pintura livre; escrita com o dedo na areia, com água na lousa; contornando o nome com pecinhas de lego; escrevendo na lousa com pincel,

passando o dedo para “apagar” e perceber o movimento da letras; Enfim, muitas vivências para a aprendizagem da escrita do nome.

Considerando os direitos de aprendizagem: conviver, brincar, explorar, participar, expressar-se, conhecer-se e os campos de aprendizagem para oportunizar às crianças múltiplas linguagens e contextos diversos, pois através dessa diversificação de experiências as crianças vão se apropriando do sistema de escrita alfabética de maneira significativa. Conforme Goulart e Mata (2016, p. 53):

5

A escrita também pode ser considerada no conjunto de formas de expressão do mundo simbólico que crianças, jovens e adultos habitam, em sociedades letradas (desenhar, gesticular, pintar, dançar e outras). Sendo uma linguagem que está no mundo, compreendemos que desde muito pequenas as crianças entram também no fluxo da cultura escrita, procurando entender seus sentidos e representações. E assim vão aprendendo aspectos das atividades de ler e escrever.

As listas com os nomes completos das crianças da turma também estavam presentes por todas as paredes da sala: lista de meninas e meninos; lista em ordem alfabética; escrita espontânea com e sem modelo; quantificação das letras do nome completo; identificação de letra inicial, comparação entre os nomes dos colegas; nome completo com letras móveis. Estas listas eram consultadas livremente pelas crianças para ajudar na escrita do nome nas propostas, para verificar as crianças presentes e ausentes, para identificar quem seria o próximo ajudante etc.

Deste modo, as crianças passaram a identificar o seu nome e o nome dos colegas com facilidade. Então, partimos para a escrita do nome completo, pois como vimos a maioria da turma ainda não havia alcançado este nível. Tomada como ponto de partida, a escrita do nome completo propicia informações, conforme reitera Bosco (2002, p. 57):

Sobre as letras - sua forma convencional e sua qualidade diferenciadora e indicadora da presença de uma palavra; a quantidade de letras necessárias para a escrita do nome; e a variedade, a posição e o ordenamento das letras necessários à configuração daquela forma gráfica como escrita convencional. Além disso, a escrita do próprio nome prestar-se-ia ao confronto das hipóteses da criança com a realidade convencional da escrita.

O segundo diagnóstico de escrita do nome apresentou evolução quanto à escrita do nome completo pelas crianças: 9 crianças escreviam o nome completo convencionalmente; 6 escreviam o nome completo parcialmente; 4 escreviam no nome utilizando letras do próprio nome e 1 escrevia parcialmente o nome.

Tomamos conhecimento que as crianças, em sua maioria, tinha o domínio do nome completo, inclusive reconhecendo o nome dos seus colegas, no entanto, não faziam nenhuma análise em relação às propriedades da escrita, pensando estratégias para escrita de outras palavras e suas partes sonoras, pois as crianças podem ampliar suas habilidades conforme reitera o documento da rede sobre práticas de oralidade, leitura e escrita (2016, p. 8):

Considerando a oralidade, a leitura e a escrita como bens culturais disponíveis em nossa sociedade aos quais todos devem ter acesso, acreditamos que as crianças também apresentam interesse e têm esse direito. Entendemos que crianças menores de seis anos devem ampliar suas habilidades de uso da linguagem verbal nas práticas discursivas de seu cotidiano e podem começar a aprender, por meio das interações e brincadeiras, sobre alguns princípios do sistema de escrita alfabética.

Então, a educadora pensou em estratégias para que a utilização do nome fornecesse informações para a aquisição da leitura e da escrita evoluindo tanto em aspectos gráficos como na interpretação e atribuição de significado a cada uma de suas partes. Para Ferrero e Teberosky (1999, p. 227) “o nome próprio escrito é recebido, inicialmente, como uma forma global, dificilmente analisável; na dura tarefa de encontrar um valor para as partes, compatível com o valor do todo, nada é óbvio nem imediato”. Dar significado ao nome próprio na construção da identidade e entrada no mundo letrado. Bosco (2002) faz um breve resumo dos níveis que a criança percorre ao interpretar seu nome próprio, baseado no que propõe Ferrero:

(1) cada uma das partes do nome conteria a totalidade do nome, não havendo diferenciação entre a parte e o todo; (2) busca estabelecer uma correspondência entre cada letra e uma parte do nome, sem que a segmentação dessas partes seja sistemática; (3) o estabelecimento de uma correspondência mais ou menos sistemática

entre as letras e as sílabas, com a escrita da forma gráfica do nome sendo atravessada pelo sonorização; (4) a aquisição de uma certa estabilidade na correspondência som/grafia com atribuição de valores sonoros convencionais, particularmente à letra inicial; e (5) a análise da pauta sonora passa de silábica a fonética. Nesse momento, compreender-se-iam as regras de composição do sistema alfabético de escrita (BOSCO, 2002, p. 57).

7

Iniciamos analisando o nome completo da educadora. A professora escreveu seu nome completo na lousa e perguntou: “De quem é esse nome?”, as crianças identificaram o primeiro nome e questionaram: “É o seu nome completo? (P.R.)”. Primeiro, as crianças foram convidadas a construir o nome completo da professora com tampinhas de letras móveis, mostrando letra por letra, cada criança procurava e adicionava a letra que faltava, identificando e nomeando as letras que compunha o nome da professora. Em seguida, espalhou partes do nome para que as crianças procurassem e montassem o quebra-cabeça do nome da professora colando-o no caderno. Na sequência analisaram o nome: quantidade de partes (nome e sobrenomes), quantidade de sílabas, de letras e concluíram com um desenho da educadora.

Ao concluir a proposta uma criança falou: “Tia, faz isso com meu nome também!? (A.V.)” e a professora respondeu: “Sim, podemos fazer!”, então, todos começaram a pedir também, a professora então sugeriu seguir a ordem da lista para fazer a mesma coisa com os nomes de todos da turma.

Antes de iniciar a análise dos nomes das crianças da turma, a professora pediu que escrevessem o nome completo com e sem modelo para a partir daí verificar a evolução da turma.

Iniciou a análise de todos os nomes das crianças da turma, seguindo a ordem alfabética e as mesmas propostas realizadas com o nome próprio da professora: escrita do nome completo com letras móveis, quebra-cabeça do nome, análise da quantidade de parte/sílabas/letras e ilustração do dono do nome.

Interessante que as crianças acompanhavam a lista e se animavam quando chegava sua vez “O meu é o próximo! (A.E)” ou questionavam “Quando vai ser o meu? (R.I)” e era convidado a consultar a lista e verificar “depois de quem” seria sua

vez, também chegavam ansiosos e até lembrando a educadora “Hoje é o nome do D. L! (E.)”.

A criança “da vez” fazia o registro num caderno que a professora intitulou: livro da turma – para que no final possuísse uma documentação a respeito da escrita do nome realizado pela turma. Construindo e revelando a trajetória de aprendizagem das crianças. Segundo Kramer e Barbosa (2016, p. 57):

8

A documentação permite aos professores, e também às crianças, a leitura, a revisitação desse processo de aprender. É um movimento dinâmico: ao mesmo tempo que acompanha o processo de construção do conhecimento. Também o fecunda. É uma narrativa interpretativa das dúvidas, escolhas, descobertas das crianças.

Ao documentar o processo, a professora além de avaliar as próprias práticas, construía com as crianças uma história sobre suas aprendizagens, narrando o percurso para toda a comunidade escolar. Brandenburg *et al* (2019, p.6) destaca a prática do professor reflexivo dizendo:

A ideia do professor reflexivo é entendida de forma que os professores estão sempre construindo seu conhecimento em sala de aula, e se capacitando para tal, ou seja, em processo contínuo de formação. Fazendo também críticas e reflexões quanto a sua prática pedagógica, e constantemente examinando seus saberes e aprimorando-os. Sendo a reflexão uma exigência para o fazer docente.

A prática pedagógica se confirma ao unir teoria e prática e refletir sobre estas. Ao analisar o nome completo as crianças tomaram conhecimento das relações pertinentes à escrita e leitura de palavras buscando informações e consulta nos próprios nomes e de seus colegas. Morais (2019, p. 151) destaca a importância de as crianças realizarem estas análises não somente para conhecimento da grafia do nome, mas para levá-las a observar que:

Alguns nomes próprios são parecido, porque começam (com sílabas orais) ou terminam (com rimas) de forma idêntica; muitos nomes próprios se parecem com outras palavras do mundo, porque começam ou terminam com pedaços sonoros iguais.

Levando as crianças a perceber que além das letras semelhantes, os nome possuem sons semelhantes e tendo-os como modelo de escrita poderiam escrever outras palavras. Morais (2019, p. 150) afirma que os nomes próprios:

Permitem a criança observar, numa fase inicial, que as letras que escrevem uma palavra não podem ser mudadas, que a ordem em que aparecem não podem variar, que as letras que aparecem no 'meu' nome não são 'minhas' apenas e, portanto, estão nos outros nomes próprios e em outras palavras do mundo etc. Mas a estabilidade, como veremos, também poderá e deverá ser tomada como princípio para não nos atermos apenas aos aspectos gráficos (do repertório de letras), mas para explorarmos também a dimensão fonológica dessas palavras.

Ao concluir a análise de todos os nomes das crianças e “fechar o livro da turma”, a professora preparou um espaço propositor, no qual disponibilizou espelhos, papéis, lápis de escrever, lápis de cor e giz de cera e, pediu que as crianças produzissem o desenho de si mesmos. Em outro momento, individualmente, pediu que as crianças escrevessem sobre si. Aqui, ficou visível o quanto evoluíram em relação a escrita e leitura de palavras, ao escrever buscavam as referências dos nomes já conhecidos e assimilavam os sons pertinentes a escrita das partes das palavras (sílabas). Segundo Ferrero e Teberosky (1999, p. 223):

Este princípio de 'fonetização' desenvolve-se muito rapidamente, exigindo progressivamente convenção das formas empregadas, uma correspondência estável entre sinais e valores silábicos, a adoção de convenções relativas à orientação e direção da escrita, e a necessidade de adotar uma ordem de sinais que corresponda à ordem de emissão da linguagem.

No último diagnóstico do nome realizado 12 crianças da turma escreviam o nome completo; 5 escreviam parcialmente o nome completo; 1 escrevia parcialmente o nome e 1 ainda utilizava letras do nome para a escrita do nome. Terminamos o ano letivo com 1 criança no nível silábico-alfabético, 12 crianças no nível silábico e 6 pré-silábicos.

3 Considerações finais

A escolha do nome próprio para o desdobramento de propostas que propiciassem a aquisição do sistema de escrita alfabética é uma prática comum na Educação Infantil, embora pouco aproveitada para ensinar a ler e escrever. E foi com este pensamento que caminhou a educadora, buscando partir sempre da reflexão e análise dos nomes próprios das crianças da turma para a apropriação da leitura e escrita de diversas palavras.

10

Os diferentes níveis de escrita do nome apresentado pelas crianças permitiam que as propostas com o nome próprio não se distanciassem das suas capacidades, proporcionava diferentes desafios e reflexões sobre a língua. Crianças no nível pré-silábico, por exemplo, identificavam e nomeavam as letras do alfabético, identificavam partes sonoras iguais (rimas e aliteração), comparam nomes com mesma letra, identificavam principais diferenças entre nomes semelhantes. As crianças em nível silábico que já percebiam as pausas sonoras faziam as relações pertinentes com a escrita e confrontavam suas hipóteses quando surgiam novas sílabas (complexas) e ampliavam o repertório de referências para a leitura e escrita de novas palavras, percebendo inclusive que um mesmo nome possui as mesmas sílabas.

Portanto, a utilização do nome próprio, enquanto palavra estável, não deve restringir-se apenas a sua grafia, mas considerado em sua totalidade, explorando aspectos gráficos, sonoros, potencializando as hipóteses infantis sobre a leitura e escrita e a aquisição do sistema de escrita alfabético.

Assim, as crianças da turma concluíram o ano letivo realizando a escrita do nome completo (em sua maioria) e também confrontando suas hipóteses a partir da utilização do nome para a aquisição de novas palavras e ampliação seu repertório pessoal na elaboração de estratégias para a escrita.

Além disso, a educadora se viu uma pesquisadora, percebendo na sua prática contribuições para o processo de aprendizagem e constante reflexão da práxis que partia da observação e registro do cotidiano das crianças em suas experiências com a escrita do nome próprio e reverberavam nas ações pedagógica planejadas para a evolução delas.

Referências

BOSCO, Zelma Regina. **No jogo dos significantes, a infância da letra**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

BRANDENBURG, Cristine; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 16 set. 2023.

FERRERO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana de Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **A criança e o seu nome: identidade, expressão e escrita na Educação Infantil**. Fortaleza: Secretaria Municipal da Educação, 2017.

GOULART, Cecília; MATA, Adriana Santos da. Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e inter-relações. In: **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1. Ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

KRAMER, Sonia; BARBOSA, Silvia Néli Falcão. Observação, documentação, planejamento e organização do trabalho coletivo na educação infantil. In: **Currículo e linguagem na educação infantil**. Ministério da Educação, Secretaria de educação básica. 1. Ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na Educação Infantil e no ciclo de alfabetização**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

ⁱ Cássia Calandrini Ribeiro, <https://orcid.org/0000-0001-9819-2837>

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

Professora da Rede Pública Municipal de Fortaleza. Graduada em Pedagogia pela UECE. Pós-Graduada em Gestão pela Prominas; Educação Infantil e Alfabetização pelo IDJ; Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pela Prominas. Integrante do projeto de extensão: Grupo de estudo Crisálida: art&ducação em transformação, vinculado a Faculdade de Educação, da Universidade

Federal do Ceará. Relato de experiência da própria autora, no ano de 2019, na instituição CEI Maristela da Frota Cavalcante.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7901833041618199>

E-mail: cassiacalandrini@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

12

Como citar este artigo (ABNT):

RIBEIRO, Cássia Calandrini. Nome próprio: aquisição do sistema de escrita alfabética na Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.